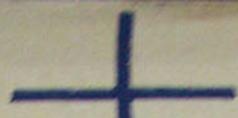


W



SW

S

SW

REVISTA PORTUGUESA

SUDOESTE

3 EUROPA

PORTUGAL

ABDICAÇÃO

*Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços
E chama-me teu filho.*

*Eu sou um rei
Que voluntariamente abandonei
O meu throno de sonhos e cansaços.*

*Minha espada, pesada a braços lassos,
Em mãos viris e calmas entreguei;
E meu sceptro e corôa, — eu os deixei
Na antecamara, feitos em pedaços.*

*Minha cota de malha, tão inútil,
Minhas esporas, de um tinir tão futil,
Deixei-as pela fria escadaria.*

*Despi a realeza, corpo e alma,
E regresssei á noite antiga e calma
Como a paisagem ao morrer do dia.*

FERNANDO PESSOA.

NÓS OS DE "ORPHEU"

Anunciou Almada, no segundo número de «SW», que neste terceiro se inseriria colaboração dos que foram de *Orpheu*. Cumpre-se.

Procurámos coordenar, Almada e eu, produções inéditas de quantos figuraram literariamente na revista extinta e inextinguível a que ambos pertencemos. Excluídos, por motivos de estreiteza de tempo e largueza de distância, os dois colaboradores brasileiros — Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens — conseguimos que estivessem presentes todos os outros, com duas excepções, uma delas atenuada com o sacrifício do ineditismo.

De Ângelo de Lima, como nada descobrissemos de inédito, decidimos publicar aquele extraordinário soneto — dos maiores da língua portuguesa — em que o poeta descreve a sua entrada na loucura, em que longos anos viveu e em que morreu. O soneto, se não é inédito, está contudo esquecido. Publicando-o, não deixamos de, saudosamente, fazer lembrar quem, não sendo nosso, todavia se tornou nosso.

Nada porém foi possível incluir de Côrtes-Rodrigues, que é directamente de *Orpheu*, e os poemas de cuja personalidade inventada, Violante de Cysneiros, são uma maravilha subtil de criação dramática. Neste caso a dificuldade foi, como no dos brasileiros, geográfica: estas produções foram coordenadas à pressa, Côrtes-Rodrigues vive nos Açores. Aqui lhe deixamos, num abraço, a expressão da nossa camaradagem de sempre; e o perpetrador destas linhas, velho amigo seu, acrescenta a ela o desejo de que Côrtes-Rodrigues se não embrenhe demasiado, como de há tempos se vai embrenhando, no catolicismo campestre, pelo qual facilmente se aumenta o número de vítimas literárias da pièquice fruste e asiática de S. Francisco de Assis, um dos mais venenosos e traiçoeiros inimigos da mentalidade ocidental.

Quanto ao mais, nada mais. Cá estamos sempre.

Orpheu acabou. *Orpheu* continua.

FERNANDO PESSOA

Na impossibilidade de darmos a colaboração de José Pacheco e de Santa-Rita Pintor, aqui deixamos os seus nomes ligados aos de «*Orpheu*».

SONETO

Pára-me de repente o pensamento
 Como que de repente refreado
 Na doida correria em que levado
 Ia em busca da paz do esquecimento

Pára surpreso, escrutador, atento,
 Como pára um cavalo alucinado
 Ante um abismo súbito rasgado.
 Pára e fica, e demora-se um momento.

Pára e fica, na doida correria.
 Pára à beira do abismo, e se demora,
 E mergulha na noite escura e fria

Um olhar de aço, que essa noite explora.
 Mas a espora da dôr seu flanco estria,
 E êle galga e prossegue sob a espora...

ANGELO DE LIMA

SERRADURA

A minha vida sentou-se
 E não há quem a levante,
 Que desde o Poente ao Levante
 A minha vida fartou-se.

E ei-la, a môna, lá está,
 Estendida, a perna traçada,
 No infindável sofá
 Da minha Alma estofada.

Pois é assim : a minha Alma,
 Outrora a sonhar de Rússias,
 Espapaçou-se de calma,
 E hoje sonha só pelúcias.

Vai aos Cafés, pede um bock,
 Lê o «Matin» de castigo,
 E não há nenhum remoque
 Que a regresse ao Oiro antigo.

Dentro de mim é um fardo
 Que não pesa, mas que maça:
 O zumbido de um moscardo,
 Ou comichão que não passa;

Folhetim da «Capital»
 Pelo nosso Júlio Dantas,
 Ou qualquer coisa entre tantas
 De uma antipatia igual...

O raio já bebe vinho,
 Coisa que nunca fazia,
 E fuma o seu cigarrinho
 Em plena burocracia...

Qualquer dia, pela certa,
 Quando eu mal me precate,
 É capaz de um disparate
 Se encontra uma porta aberta...

Isto assim não pode ser...
 Mas como achar um remédio?
 — P'ra acabar êste intermédio
 Lembrei-me de endoidecer,

O que era fácil — partindo
 Os móveis do meu hotel,
 Ou para a rua saindo,
 De barrete de papel,

A gritar *Viva a Alemanha!*...
 Mas a minha alma em verdade
 Não merece tal façanha,
 Tal prova de lealdade.

Vou deixá-la — decidido —
 No lavabo de um Café,
 Como um anel esquecido.
 É um fim mais «raffiné».

Paris, Setembro de 1915.

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

CONSELHO

Cérca de grandes muros quem te sonhas.
 Depois, onde é visível o jardim
 Através do portão de grade dada,
 Põe quantas flores são as mais risonhas,
 Para que te conheçam só assim.
 Onde ninguém o vir não ponhas nada.

Faze canteiros como os que outros têm,
 Onde os olhares possam entrever
 O teu jardim como lho vais mostrar.
 Mas onde és teu, e nunca o vê ninguém,
 Deixa as flores que vêm do chão crescer
 E deixa as ervas naturais medrar.

Faze de ti um duplo sêr guardado;
 E que ninguém, que veja e fite, possa
 Saber mais que um jardim de quem tu és —
 Um jardim ostensivo e reservado,
 Por trás do qual a flor nativa roça
 A erva tam pobre que nem tu a vês...

FERNANDO PESSOA

PAUSA

Flauta débil e ligeira, recorta em sonho
 teu ser antigo e triste. Dá-me às coisas e a mim
 um ar de Deus e o teu modo de ser pensante,
 teu modo que está por detrás de ti.
 Ah! plange e chora na minha voz comigo;
 plange divina e bucòlicamente!
 Traduz-me às coisas por outro modo que
 não seja eu... Ó flauta débil e ligeira!
 Trás-me as horas pálidas do desconforto,
 trás-me o sonho prêso nos teus ecos...
 Alivia-me a vida com o teu sôpro vago
 de ilusão, ó ternura sem par! horto
 de embriaguês! jardim suspenso de tristezas!

Solitário instrumento da scisma antiga!
 Mãi fingida, mãi lacrimosa de todas as coisas,
 símbolo de dôr e de alegrias eternas,
 disfarce de mim noutra aparência triste...
 Solta as azas de alegria sôbre a vida!
 Põe uma pausa de pensar nesta paisagem:
 (um vácuo de ser em nós próprios)
 um alheamento de almas em penumbra,
 vago esbôço de ceus falhados, caídos,
 — gesto de tatearmos com a nossa própria sombra...

Pontua a realidade e deixa-me êsse momento
 em que somos uma breve paragem no além:
 — estrangeiros entre os sentidos e o acordamos — ...
 Encosta-me ao seio das horas descuidadas
 e que no frio sono durma o perfil de um Deus.

LUIS DE MONTALVOR

QUANDO EU NASCI...

Que mistério se ergueu quando eu nasci!
Alguém com branco giz num quadro preto
Desenhou meu perfil triste e completo.
E só desde êsse dia eu existi.

Depois, não sei porquê, Alguém esquecido
Apagou co'uma esponja o risco a giz
Do meu velho perfil, e êsse Alguém quiz
Que eu voltasse ao meu nunca ter vivido.

Só ter-me desenhado aquela vez
Bastou p'ra que eu ficasse e não partisse
E teimasse existir-me em altivez.

A porta do meu Sêr ficou aberta...
O risco a giz dentro em minha alma o disse.
O quadro preto a minha sombra incerta...

Lisboa, 1914.

ALFREDO GUISADO

NOTA AO ACASO

O poeta superior diz o que efectivamente sente. O poeta médio diz o que decide sentir. O poeta inferior diz o que julga que deve sentir.

Nada disto tem que ver com a sinceridade. Em primeiro lugar, ninguém sabe o que verdadeiramente sente: é possível sentirmos alívio com a morte de alguém querido, e julgar que estamos sentindo pena, porque é isso que se deve sentir nessas ocasiões. A maioria da gente sente convencionalmente, embora com a maior sinceridade humana; o que não sente é com qualquer espécie ou grau de sinceridade intelectual, e essa é que importa no poeta. Tanto assim é que não creio que haja, em tôda a já longa história da Poesia, mais que uns quatro ou cinco poetas que dissessem o que verdadeiramente, e não só efectivamente, sentiam. Há alguns, muito grandes, que nunca o disseram, que foram sempre incapazes de o dizer. Quando muito há, em certos poetas, momentos em que dizem o que sentem. Aqui e ali o disse Wordsworth. Uma ou duas vezes o disse Coleridge; pois a *Rima do Velho Nauta* e *Kubla Khan* são mais sinceros que todo o Milton, direi mesmo que todo o Shakespeare. Há apenas uma reserva com respeito a Shakespeare: é que Shakespeare era essencial e estruturalmente factício; e por isso a sua constante insinceridade chega a ser uma constante sinceridade, de onde a sua grande grandeza.

Quando um poeta inferior sente, sente sempre por caderno de encargos. Pode ser sincero na emoção: que importa, se o não é na poesia? Há poetas que atiram com o que sentem para o verso; nunca verificaram que o não sentiram. Chora Camões a perda da alma sua gentil; e afinal quem chora é Petrarca. Se Camões tivesse tido a emoção sinceramente sua, teria encontrado uma fórmula nova, palavras novas — tudo menos o soneto e o verso de dez sílabas. Mas não: usou o soneto em deçasílabos como usaria luto na vida.

O meu mestre Caeiro foi o único poeta inteiramente sincero do mundo.

ALVARO DE CAMPOS